

PALAVRA LITERÁRIA: POTÊNCIA NA AÇÃO FORMATIVA DO SUJEITO-LEITOR

Literary word: power in the subject reader formative action

Cristiane Casquet de Souza Elias¹

<https://orcid.org/0009-0004-1138-0560> 

Vera Bastazin¹

<https://orcid.org/0000-0002-5584-9197> 

¹Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de
Pós-graduação em Literatura e Crítica Literária, São Paulo,
SP, Brasil. 05014-901 – poslcl@pucsp.br

Resumo: O presente artigo aborda a palavra literária como motivadora para a construção de diálogos e interações pessoais. “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (Bahktin, 2006, p. 115). Nossa proposta com este trabalho é construir um olhar investigativo sobre a força da palavra no texto literário e a consequente interação locutor/interlocutor que, conforme nossos estudos, pode ser responsável por transformações pessoais, culturais e sociais no contexto não apenas educacional, mas também – e, talvez, sobretudo – no extra educacional. Compreender a leitura literária de forma mais significativa e prazerosa, para além de decodificações e identificação de elementos da narrativa, é o ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa. Concluímos que a palavra literária é, além de transformadora, um direito e uma necessidade premente. Para embasar esse estudo abordamos os pressupostos teóricos Mikhail Bakhtin (2006) e sua concepção de linguagem, Paulo Freire (1989) e o papel do sujeito leitor e Antonio Candido (1988) e sua defesa pelo direito à literatura – entre outros.

Palavras-chave: palavra literária; leitor literário; mediação de leitura; formação do leitor literário.

Abstract: This article addresses the literary word as a motivator for the construction of dialogues and personal interactions. “The word is a kind of bridge thrown between me and others. If it leans on me at one end, on the other it leans on my interlocutor. The word is the common territory of the speaker and the interlocutor” (Bahktin, 2006, p. 115). Our proposal with this work is to build up an investigative look at the power of the word in the literary text and the consequent speaker/interlocutor interaction which, according to our studies, may be responsible for personal, cultural, as well as social transformations not only in the educational context but also – and, perhaps, above all – in the extra educational one. Understanding literary reading in a more meaningful and pleasurable way, in addition to decoding and identifying elements of the narrative, is the starting point for the development of this research. We conclude that the literary word is, in addition to transforming, a right and an urgent need. To support this study, we approach the theoretical assumptions of Mikhail Bakhtin (2006) and his conception of language, Paulo Freire (1989) and the role of the reader subject, and Antonio Candido (1988) and his defense of the right to literature – among others.

Keywords: literary word; literary reader; leading mediation; formation of the literary reader.

O que pode a literatura?

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (Todorov, 2009, p. 76).

Muito já foi dito sobre a beleza e a força da palavra literária, entretanto, esse é um assunto que não se esgota. Ao contrário, é fonte permanente de questionamentos, reflexões e descobertas. A literatura é registro, mas, antes de registro, é expressão infinidável de pensamentos e experiências humanas, impressões sensoriais profundas que nos oferecem elementos capazes de modificar a percepção de nós mesmos, do outro e do mundo.

Para falar sobre a importância da literatura na formação humana e seu potencial transformador, trazemos, no presente artigo, reflexões acerca da força da palavra literária e os fios que compõem a grande teia leitor/literatura/livro/autor. “A literatura pode muito” (Todorov, 2009, p. 76). Ela propõe outras perspectivas, uma vez que o texto literário é uma forma de manifestação artística e, portanto, está relacionado à subjetividade. Seu caráter não é somente linguístico, mas também – e principalmente – ético e estético. Seu princípio é desestabilizar e provocar mudanças, visto que rompe normas pré-estabelecidas e apresenta sempre uma nova experiência com a palavra.

Na esteira desse pensamento Ezra Pound diz em *ABC da Literatura* que literatura “é novidade que permanece novidade” (Pound, 2013, p. 36), corroborando a ideia de que a aproximação com o texto literário é sempre uma nova experiência e traz consigo rupturas com a língua que desestabilizam e desautomatizam a percepção do leitor. Pound ainda afirma que a “literatura é a linguagem carregada de significado até o máximo grau possível” (Pound, 2013, p. 35). Ou seja, é por meio do trabalho arquitetônico com a linguagem que a construção do texto literário se dá, conferindo a ele suas características próprias e sua literariedade – aquilo que confere à obra literária suas qualidades específicas, implicando no âmbito estético, o uso simultaneamente singular e plural da palavra.

Maurice Blanchot (2005) usa a imagem do “Canto das Sereias” como metáfora para tratar o fenômeno literário. Para o autor, o encontro de Ulisses com seres sobrenaturais é o encontro do escritor com a voz que o chama e o obriga a escrever – voz que seduz e encanta; força desafiadora que move a literatura e que promove o encontro mágico entre autor, leitor, vozes internas, experiências subjetivas e intersubjetivas, que representam uma troca, compreensão, profundidade e transformação permanentes.

As Sereias: consta que elas cantavam, mas de uma maneira que não satisfazia, que apenas dava a entender em que direção se abriam as verdadeiras fontes e a verdadeira felicidade do canto. Entretanto, por seus cantos imperfeitos, que não passavam de um canto ainda por vir, conduziam



o navegante em direção àquele espaço onde o cantar começava de fato. Elas não o enganavam, portanto, levavam-no realmente ao objetivo. Mas, tendo atingido o objetivo, o que acontecia? O que era esse lugar? Era aquele onde só se podia desaparecer, porque a música, naquela região de fonte e origem, tinha também desaparecido, mais completamente do que em qualquer outro lugar do mundo; mar onde, com orelhas tapadas, soçobravam os vivos e onde as Sereias, como prova de sua boa vontade, acabaram desaparecendo elas mesmas (Blanchot, 2005, p. 3).

Figura 1 – Draper, Herbert James – Ulisses e as Sereias (1909)



Fonte: Mythologica (2019)

[Descrição da imagem] Imagem da pintura "Ulisses e as Sereias" do artista Herbert James Draper. A pintura mostra Ulisses à esquerda do quadro, amarrado ao mastro do navio. Em sua volta encontram-se três marinheiros com seus remos. À sua frente, três sereias tentam atraí-los. O fundo da pintura mostra o mar agitado e o céu nublado [Fim da descrição].

Seria esse o lugar da literatura? Lugar de estranhamento, mistério e deslumbramento?

Há algo de maravilhoso na literatura, espécie de canto que encanta, desperta desejos, impõe privilégios – desses que só os merecedores de ouvir o seu som – assim como Ulisses e aqueles que se encorajam nesse mergulho profundo –, são capazes de desfrutar. Esse mergulho profundo em busca do canto/encantamento é o encontro do leitor com a literatura. É o movimento vaivém, tal qual as ondas do mar: imprevisível, poderoso e atraente. É o intervalo entre o real e o imaginário que nos é dado em forma de imagens e palavras.

À essa força arrebatadora que aprisiona, liberta e fascina dá-se o nome de arte da linguagem. A arte que promove a dança das palavras, com seus ritmos, métricas, sonoridades e sentidos profícuos.

A literatura é a arte da linguagem porque ela consegue captar a essência da palavra,

a sua densidade. É como se o autor-poeta condensasse a palavra e dela extraísse apenas aquilo que realmente nos interessa, revelando significados e relações que aparentemente não existiriam. A literatura desvela aquilo que os olhos comuns não vêem; aquilo que só o poeta é capaz de enxergar. Abre espaço para novas ideias, discussões e inúmeras interpretações. Não é um caminho de mão única, mas tem uma estrutura que fala tanto quanto sua semântica; nada no texto literário é gratuito. Com significados plurais, este fenômeno da linguagem suscita diferentes sentimentos, percepções e reações, que variam de acordo com o repertório de cada leitor.

A literatura fala do homem e do universo. É antes de tudo imagem sensorial. Ela carrega consigo novas formas de pensar, provoca estranhamento e desautomatiza. É uma expressão fora da previsibilidade. É uma manifestação de linguagem que surpreende.

Viktor Chklovski (1978), em seu texto “A arte como procedimento”, traz à tona proposições em torno da literatura e da arte em geral, como provocadoras dessa situação de instabilidade do sujeito leitor. Para o autor, o estranhamento fascina ao mesmo tempo que é ameaçador. Causa repulsa e medo, porque é desconhecido. E, no entanto, pode ser arrebatador.

Esse estranhamento e singularização são fundamentais no processo de criação e compreensão artística, uma vez que desfamiliarizam o olhar e, por isso, o tornam único, inaugural, de modo que “a automatização engole os objetos, os hábitos, os móveis, a mulher e o medo da guerra. Se toda a vida complexa de muita gente se desenrola inconscientemente, então é como se esta vida não tivesse sido” (Chklovski, 1978, p. 44-45).

Em “O direito à literatura”, Antonio Cândido ressalta a necessidade humana do contato com a fabulação e a fantasia como fontes de equilíbrio mental e social: “Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (Cândido, 1988, p. 177). Contar e ouvir histórias são atividades presentes ao longo da trajetória da humanidade. O homem está sempre fabulando, criando narrativas e fazendo-se ouvir. Cândido chama esse universo fabulado e tudo aquilo que envolve o poético de “sonho acordado da civilização” (Cândido, 1988, p. 177). Dessa forma, podemos afirmar que a literatura é fator indispensável de humanização, atuando, inclusive, no nosso subconsciente e inconsciente e representando, por isso, papel formador da nossa personalidade.

Consequentemente, aproximar homens e livros seria uma ação humanizadora da literatura, assegurando assim, um direito básico e universal dos sujeitos, ou seja, para além de um direito humano, a literatura é uma necessidade universal. A fabulação integra os sujeitos à medida que passa a ser componente de sua visão do mundo e de sua maneira de ser. Por isso, toda experiência de leitura é enriquecedora, uma vez que nos ensina a enxergar a vida com outros olhos, de outras maneiras. É exercício constante de alteridade



– o reconhecimento de si e do outro – fundamental na construção das relações humanas. Como diz Freire (2019, p. 32), “[...] estar no mundo implica necessariamente estar com o mundo e com os outros”. Isso posto, podemos dizer que os sujeitos leitores compreendem melhor o mundo.

Para falar sobre os direitos humanos, Cândido (1988) defende que tudo aquilo que nos é indispensável é também indispensável ao próximo. Se a literatura é indispensável (uma vez que se constitui como uma linguagem poderosa de instrução, denúncia, expressão e manifestação de emoções e visões de mundo), deve ser acessível a todos. Ainda, uma sociedade bem organizada deveria ter todos os tipos de leitura – do folclore a Dostoiévski – ao alcance de todos. Trata-se de justiça social: literatura diversa e de qualidade para todos. É esse o princípio da literatura como um direito.

Nesse ponto as pessoas são frequentemente vítimas de uma curiosa obnubilação. Elas afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégio de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoevski e ouvir os quartetos de Beethoven? (Cândido, 1988, p. 174).

Há ainda outro aspecto – talvez o mais importante, segundo Cândido (1988) – que faz a literatura atuar sobre os sujeitos de modo transformador: a forma como os textos são construídos. Esse é o lugar do literário, na sua qualidade poética, que confere força à palavra um protagonismo no nosso trabalho. Forma e conteúdo sempre indissociáveis e determinantes na combinação de palavras, sonoridades e proposição de sentido: “A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro a se organizar; em seguida, a organizar o mundo” (Cândido, 1988, p. 179).

Mas afinal – vale voltar à questão – o que pode a literatura? Difícil responder tamanha a abrangência das possibilidades de respostas. Vamos, aqui, a algumas delas: Todorov, em *A literatura em perigo*, afirma: “Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver” (Todorov, 2009, p. 23). Segundo o autor, a literatura amplia nosso universo e nos ajuda a descobrir mundos, uma vez que nos coloca em contato com outras experiências, para além das nossas próprias, facilitando sua compreensão. Assim, “nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo” (Todorov, 2009, p. 24). Tudo isso nos leva a pensar sua importância e necessidade, para além de um direito. Muito mais que entretenimento, é a força da palavra que leva à transformação. Sua singularidade, seu valor ético e humanista, além de sua importância para o campo da cultura e da formação da subjetividade, fazem desta um meio e um caminho para uma vida melhor.

“A literatura é uma saúde”, diz Deleuze, em *Crítica e Clínica* (2011, p. 9). É saúde porque sua função fabuladora nos permite resistir à opressão. Saúde que nos é dada pelas mãos-palavras do médico-escritor. Espécie de antídoto para os males do mundo, pois abre

novas possibilidades de existência, novas possibilidades de pensar e agir. Nesse sentido, pensar o impensável com e pela literatura pode ser libertador, uma porta para novas vidas, novas saídas. Temos aqui o conceito de literatura como resistência ao pensamento opressor, ou seja, uma literatura que promove saúde.

É através das palavras, entre as palavras, que se vê e se ouve. Beckett falava em "perfurar buracos" na linguagem para ver ou ouvir "o que está escondido atrás". De cada escritor é preciso dizer: é um vidente, um ouvidor, "mal visto mal dito", é um colorista, um músico (Deleuze, 2011, p. 9).

A linguagem é o começo de tudo, lembra Paul Valéry (1991) em sua conferência "Poesia e pensamento abstrato". Ela tem poderes – som, ritmo, velocidade, musicalidade, sentido – capazes de produzir estados poéticos por meio das combinações das palavras. É arte que comove, leva à experiência de espanto e maravilhamento.

É justamente do espanto, que nasce a literatura. Nasce e vive do espanto:

A literatura, conforme sugere Sartre (2004) em *Que é a literatura?*, nasce do espanto, da impossibilidade humana de, valendo-se exclusivamente da razão, encontrar respostas capazes de apaziguar os anseios desses seres lacunares que somos. Talvez resida aí a explicação do seu não desaparecimento: o homem sempre foi surpreendido por questões que o inquietam, que nele suscitam o espanto. A sensibilidade, a imaginação, o sonho, a fantasia são, então, convocados como auxiliares na tarefa de conferir uma espécie de conforto ao homem. Não é por acaso que nos depararemos em *É isto um homem?* com Primo Levi (1990) recitando o canto de Ulisses e trechos de *A divina comédia*, de Dante Alighieri, a um amigo também prisioneiro nos Campos de concentração nazista em Auschwitz (Navas, 2017, p. 148).

Por isso, a literatura não desaparece. Por isso, é indispensável. Por tudo que nos oferece – sua força de ação, deleite e conhecimento. A literatura é, exclusivamente, uma forma de linguagem. E somos nós, leitores, quem ditamos o ritmo da leitura e permitimos toda a sorte de manifestações do imaginário. Nesse sentido, ela é única e se difere de todas as outras formas de arte.

Cabe-nos, ainda, ressaltar a importância da literatura, sobretudo nos tempos atuais – tempos em que se lê cada vez menos. Há alguns anos, observa-se a leitura literária perdendo seu espaço nas escolas. Ela vem sendo, cada vez mais intensamente, substituída por livros didáticos e conteúdos obrigatórios que desconsideram seu valor cultural, estético, crítico, dialógico e universal. A era digital e o frenético ritmo como as informações circulam são outros fatores que não permitem disponibilizar tempo e direcionar interesse para o literário. Por fim, em tempos de *fake news* e valorização de bens materiais a despeito de pessoas, cabe a pergunta: haveria, realmente lugar, ainda hoje, para a experiência literária?

Mais do que nunca, a literatura se faz urgente e necessária. Precisamos provar da sua arte, da sua beleza, do incômodo, espanto e inquietações que esta provoca, para nos deslocarmos de nossas perspectivas já sedimentadas e avançarmos, opondo-nos à alienação, ao conformismo, à mesmice.

Compagnon (2009) lembra Proust no *Em busca do tempo perdido* para falar da consagração da literatura:

Somente pela arte, continuava Proust, podemos sair de nós mesmos, saber o que enxerga outra pessoa desse universo que não é igual ao nosso, e cujas paisagens permaneceriam tão ignoradas de nós como as por acaso existentes na lua (Compagnon, 2009, p. 21).

O homem é uma composição integrada de diferentes conjuntos. Não basta alimentação, saúde, segurança e educação para viver. É preciso desfrutar da arte, do lúdico, ter a mente liberta do compromisso (ócio criativo) para explorar o imaginário. Retomando Candido (1988), assim como todas as pessoas deveriam ter direito à moradia, alimentação, saúde e educação – bens essenciais ou incompressíveis, – seria também a arte e, em especial, a literatura, um direito indispensável, fundamental aos seres humanos. É inconcebível, portanto, negar ao ser humano a possibilidade de viver esse direito-necessidade: “Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade” (Candido, 1988, p. 188).

Da leitura do mundo e da palavra ou palavra-mundo

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 1989, p. 9).

A citação que trazemos para abrir esse subitem aponta para a ideia de que o ato de leitura não se restringe e tampouco se esgota na decodificação da palavra. A leitura e a interpretação crítica daquilo que se lê vêm marcadas pela leitura do mundo; e trazem consigo aquilo que compõe a nossa história – nossas memórias e experiências.

Segundo Freire, o ato de ler é um movimento dinâmico que implica na percepção crítica, interpretação e reescrita do que foi lido, carregando marcas e significação da experiência existencial do leitor. O pensamento e a pedagogia de Freire comungam da ideia de que “ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como escrever o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e de estar em contato com o mundo” (Freire, 1989, p. 15). Nesse sentido, entrar em contato com o mundo é entrar em contato com o outro; isto é, com a diversidade e a pluralidade de olhares que passam a nos constituir como sujeitos mais críticos e conscientes.

A Inteligência Cultural se constrói na chamada escola da vida, como diz a professora e pesquisadora Marisa Lajolo em *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*: “outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura do voo das arribações que indicam a seca – como sabe quem lê Vidas secas, de Graciliano Ramos – independe da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos

outros” (Lajolo, 2011, p. 7). Na mesma obra, Lajolo (2011) retoma Paulo Freire quando coloca a leitura como um movimento espiral, contínuo, infinito, – quanto mais se lê mais se entende o mundo e quanto maior nossa concepção de mundo, mais lemos – perfazendo um trajeto circular e constante que não se encerra nos muros da escola. Leitura do mundo e da palavra são, portanto, formadores de sujeitos-leitores em processo contínuo de novas experiências e construção de significados. Sob essa perspectiva, Roland Barthes (1980, p. 8) menciona o exemplo de *Robinson Crusoé*, destacando o caráter abrangente e multidisciplinar da literatura, uma vez que nela estão contidos os mais variados campos do conhecimento:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como *Robinson Crusoé*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (*Robinson* passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário (Barthes, 1980, p. 8).

Dessa forma, sublinhamos novamente a força da palavra literária, a palavra-mundo, que carrega consigo tantos mundos e seus tantos significados.

Leitores e autores são “faces da mesma moeda” (Lajolo, 2011, p. 26), muito embora o confronto se faça presente – e seja esperado, inclusive – nessa relação. A autora enfatiza, também, a responsabilidade do leitor no ato de leitura, pois leitores-interlocutores desfrutam de imenso poder. Leitores são seres que enxergam e leem para além das palavras. Seres que têm vida, cultura e história, por isso, são capazes de criar significados indissociavelmente ligados à leitura de mundo. A leitura transcende o que está escrito. Assim, entrelaçam-se as histórias lidas, escritas e vividas. Lembrando João Cabral de Melo Neto (2020) em “Tecendo a manhã”, podemos dizer que leitores são galos tecendo o tempo: eles precisarão sempre de outros galos. A metáfora que aqui é retomada, sugere a literatura como um tecido e todas as suas interlocuções, os fios desse grande tear:

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos (Melo Neto, 2020, p. 14).

É do emaranhado de histórias dos próprios leitores com as histórias lidas e seus múltiplos significados que se vai compondo a grande teia que é a literatura. Nossa proposta é fazer a costura entre a leitura de mundo e a leitura da palavra, para que os fios: leitor/literatura/ livro/ autor se entrelacem de forma orgânica, efetiva e potente – espécie de alquimia que se dá na relação locutor-receptor: o receptor digere e transforma o que lhe chega pelo locutor, construindo uma via de mão dupla, um encontro complementar da literatura com a vida e da vida com a literatura. Como um bordado tecido a várias mãos,

formando uma trama rica de conexões.

Para entendermos melhor como se dá o “encontro-confronto” entre leitor e autor, trazemos algumas contribuições do pensamento de Bakhtin acerca do dialogismo e da polifonia. Para ele, a linguagem é um constante processo de interação mediado pelo diálogo e a língua só existe em função da comunicação entre locutores e interlocutores: “Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a artística, a científica etc.), está impregnada de relações dialógicas” (Bakhtin, 2010, p. 209).

Beth Brait (1997), no artigo “Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem”, afirma:

[...] o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. [...] o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos. E aí, dialógico e dialético aproximam-se, ainda que não possam ser confundidos, uma vez que Bakhtin vai falar do eu que se realiza em nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem (Brait, 1997, p. 98).

Portanto, de acordo com Bakhtin (2010), quando pensamos no caráter dialógico e polifônico da linguagem devemos considerar a relação locutor-receptor ou autor-leitor como uma forma de diálogo, na qual a compreensão inclui a contrapalavra, a réplica, a concordância, a apreciação, a contradição, a ação, formando um grande coro de vozes que convivem, interagem e coexistem.

Não existe a primeira nem a última palavra e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, fruto do diálogo (Bakhtin, 2011, p. 410, grifos do autor).

A linguagem, portanto, é uma grande teia dialógica, criadora de ilimitados sentidos e significados, fluxo constante de movimento e renovação, sendo também uma forma de interação social e constituição do ser humano.

É nesse contexto que trazemos aqui as contribuições de Bakhtin sobre o dialogismo e a presença de diferentes vozes no discurso, como elementos constitutivos do indivíduo, resultado de todas essas interações: autor, leitor e leitores entre si. Nas palavras do autor: “A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (Bakhtin, 2006, p. 127). Esse fenômeno vivo, constante e sempre inacabado que é a



linguagem, faz da literatura uma grande teia dialógica tecida por autores, leitores (cocriadores desse processo) e suas múltiplas vozes.

Ainda sobre a força da palavra, em diálogo com o pensamento de Bakhtin (2006), lembramos que

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de mudanças sociais (Bakhtin, 2006, p. 40).

Ressaltamos aqui que a palavra a qual se refere Bakhtin (2006) está inserida no contexto do discurso, na intertextualidade, no caráter interacionista da linguagem, em comunicação com a contrapalavra e, portanto, presente na construção dos sujeitos.

Dessa maneira, a literatura é percurso que vai ao encontro do que esperamos para a formação integral do indivíduo para a vida, na medida em que favorece o diálogo, o desenvolvimento do espírito crítico, a autonomia do pensamento, o estímulo ao imaginário, a criatividade e, como resultado desse conjunto de comportamentos, a transformação pessoal do sujeito em relação ao seu olhar sobre o mundo e sobre si mesmo.

Considerações finais

Tecer as reflexões até aqui registradas, resgatando vários teóricos dedicados aos estudos literários, permitiu-nos atentar à força da palavra literária como motivadora para a construção de diálogos e interações entre locutores e interlocutores, além de ratificarmos o princípio humanizador da literatura.

Conforme percurso realizado nesse texto, é possível ter a clareza de que a literatura é mesmo transformadora, sobretudo quando o ato de leitura vem carregado de significados provenientes da palavra literária e da palavra-mundo. Podemos afirmar que o direito à literatura é mais do que um direito, é uma necessidade que se reitera diuturnamente.

Sabemos que a construção de uma sociedade mais igualitária passa pela democratização e acesso à arte, à cultura e ao conhecimento em geral. Nesse sentido, a literatura, talvez seja um dos caminhos para alcançarmos o sonho – ainda distante, mas possível – dessa sociedade que queremos.

O longo percurso continua apresentando obstáculos, no entanto, já é possível apontarmos algumas ações essenciais para a consolidação dessa jornada, algo que aponta avanços bastante estimulantes.

A presença efetiva da leitura literária nas escolas e demais espaços de convivência que se estendem da casa para os outros ambientes sociais e culturais é necessidade

inquestionável. Colocar o livro nas mãos do leitor, desde cedo, buscando construir uma relação duradoura e até – por que não? – de dependência entre aquele que lê e o objeto de transformação, parece-nos ação inadiável. É importante e necessário, ainda, ultrapassar-se o nível da mera informação, bastante comum nas escolas mais tradicionais, para se pensar no sujeito em suas relações de trocas e autopercepção.

O propósito de formação deve entender o leitor como um ser complexo em suas individualidades, mas também poroso em suas formas de aprendizagem, que implicam desde a visão do sujeito em si até a ação que ele exerce no mundo que o cerca. O homem é linguagem e, enquanto tal, deve ser preparado para uma atuação que lhe traga benefícios não apenas pessoais, mas, acima de tudo, de interação com seus pares e com a natureza como sendo o seu espaço de vida e sobrevivência enquanto espécie.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Trad. de Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 91-104.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1988. p. 174-188.

CHKLOVSKI, Viktor. A arte como procedimento. In: TODOROV, Tzvetan (org.) **Teoria da Literatura** – textos dos formalistas russos. Trad. de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Almedina Brasil, 1978. p. 44-45.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

DRAPER, Herbert James. **Ulisses e as Sereias**. 1909. Disponível em: <https://mythologica.com.br/artes/mitologia-grega-herbert-james-draper>. Acesso em 21 fev. 2025.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.



FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **À sombra dessa mangueira**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2011.

MELO NETO, João Cabral. **Poesia completa**. Org. Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.

NAVAS, Diana. **Afinal, o que pode ainda a literatura?** São Paulo: BT Acadêmica, 2017.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. Organização e apresentação da edição brasileira Augusto de Campos; Trad. de José Paulo Paes, Augusto de Campos. São Paulo: Cultrix, 2013.

SARTRE, Jean Paul. **Que é a literatura?** Trad. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VALÉRY, Paul. Poesia e pensamento abstrato. In: VALÉRY, Paul. **Variedades**. Trad. de Maiza M. de Siqueira. Iluminuras, 1991. p. 201-217.

NOTAS DE AUTORIA

Cristiane Casquet de Souza Elias (criscasquet@gmail.com) é pedagoga, psicodramatista, mestre e doutoranda em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. Mediadora de Tertúlias Literárias em espaços públicos e instituições que atendem pessoas em situação de vulnerabilidade.

Vera Bastazin (vbastazin2@gmail.com) é doutora em Comunicação e Semiótica, com estágio Pós-doutoral na Universidade de Braga. É professora e pesquisadora no Programa de Literatura e Crítica Literária na PUC-SP.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

ELIAS, Cristiane Casquet de Souza; BASTAZIN, Vera. Palavra literária: potência na ação formativa do sujeito-leitor. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 30, p. 01-13, 2025.

Contribuição de autoria

Cristiane Casquet de Souza Elias: concepção do artigo, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

Vera Bastazin: concepção do artigo, elaboração e revisão do manuscrito, discussão de resultados.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 20/08/2024

Revisões requeridas em: 31/01/2025

Aprovado em: 11/06/2025

Publicado em: 20/06/2025

